

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT14.003](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT14.003)

# GLOBALIZAÇÃO, CONSUMO E UNIFORMIZAÇÃO CULTURAL: UMA PRÁTICA REFLEXIVA NO ENSINO MÉDIO

Érico Anderson de Oliveira

Professor do Depto de Geociências- CEFET-MG. E-mail: [ericoliv@cefetmg.br](mailto:ericoliv@cefetmg.br)

Rosália Caldas Sanábio de Oliveira

Professora do Depto Geociências- CEFET-MG. E-mail: [rosasanabio@gmail.com](mailto:rosasanabio@gmail.com)

Fabiana da Conceição Pereira Tiago

Professora do Depto de Ciências Biológicas- CEFET-MG. E-mail: [fabsmicro@gmail.com](mailto:fabsmicro@gmail.com)

## RESUMO

Como parte do conteúdo programático do 2º ano do Ensino Médio do CEFET-MG, na disciplina Geografia, temos o tópico Globalização e suas interfaces. Nesse experimento, examinou-se de forma coincidente, a natureza do espaço globalizado e suas espacialidades, bem como as categorias que propiciam a sua análise, além da fragmentação da identidade do indivíduo - sua "coisificação" - e o fenômeno de massificação cultural que atinge a todos nós. Em conjunto com a disciplina de Biologia, a meta foi focar em conceitos-chaves como sustentabilidade, consumo consciente, o homem e a natureza como 'mercadorias', entre outros. Uma temática intrincada que merece ser trabalhada com profundidade, de maneira crítica e ao mesmo tempo, em contato próximo com a história de vida dos alunos. Sendo assim, considerou-se a aplicação pedagógica de variadas linguagens ao desenvolvermos estudos de um assunto tão profuso (filmes, jogos, músicas...). As atividades foram empreendidas em grupos e suas repercussões georreferenciadas com a ajuda do aplicativo *Google Earth*; fez-se, então, uma superposição dos dados dos grupos de cada sala, o que serviu como base para os debates finais. Constatou-se um grande interesse dos

alunos, com uma boa participação durante as tarefas e nas mesas-redondas, originando alterações lúcidas sobre os rumos da globalização na contemporaneidade e suas consequências sócio-econômicas-culturais-ambientais; bem como uma análise sobre o consumo de uma sociedade capitalista e o individual numa perspectiva de mudança pessoal.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia e Biologia; Globalização; consumo e massificação cultural.

## INTRODUÇÃO

No seu exercício diário, o professor é impelido a criar novas práticas didático-pedagógicas com suas devidas metodologias, qualificadas a requerer tanto no educador quanto nos alunos, a produção de um senso acertado sobre a sua realidade, que por sua vez, incite cada um deles a transverter atitudes.

Diante disso, para perfazer os fins desejados – com o objeto aqui trabalhado da Globalização, interdisciplinarmente, nos assitimos de recursos distintos e presentes nas vidas dos alunos, que os consomem assiduamente e que transformaram-se em mecanismos a favor do ensino-aprendizagem : filmes, jogos, músicas...

De início, os alunos foram convidados a elaborarem seus próprios conceitos de globalização, pesquisarem seu histórico, dinamismo e decorrências globais, locais e privadas (SANTOS, 2006, 2008).

À partir das conversas em grupos, alinhavaram suas ideias no coletivo, num encontro dialético, conseqüentemente, no desenrolar didático deu-se um aprofundamento de suas opiniões, chegando-se a abstrações sobre identidade, equidade e diferença, cultura, massificação cultural, consumo, o homem e a natureza como mercadorias, “o capitalismo de caráter “parasitário”- com a riqueza global e a pobreza local [...]” (BAUMAN, 2010).

Como ‘capitalismo parasitário’ acolhemos a designação de Bauman (2010) após:

O capitalismo é um sistema parasitário. Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência (BAUMAN, 2010, p. 8-9).

Na lógica de Santos & Arroyo (1997), “A vocação de mundializar as relações econômicas, sociais e políticas começa com a extensão das fronteiras do comércio no princípio do séc. XVI, avança por saltos ao longo dos séculos da expansão capitalista (...), quando vemos “uma nova revolução científica e técnica” que eclipsa a todos; “em que as formas de vida no Planeta sofrem uma repentina

transformação: as relações do Homem com a Natureza sofrem uma reviravolta global [...]” (SANTOS & ARROYO, 1997, p. 57).

Benko (2001) a define como “uma nova etapa no desenvolvimento de um processo plurisecular: o capitalismo [...] a extensão das ‘economias- mundo’”. Do passado colonial aos dias de hoje, a mesma característica: “a existência de centros emissores de ordens (porto ou capital de império, como Amsterdã ou Londres) organizando as regiões periféricas em função de uma divisão do trabalho e das produções” (BENKO, 2001, p. 33-34).

Mészáros (2007) adita esse julgamento sobre a “ausência de considerações humanas proveniente do implacável direcionamento auto-expansivo do capital”, seguidamente:

Enfrentamos as perigosas condições da crise estrutural do capital porque essa forma de controle sociometabólico não está mais em posição de deslocar suas contradições e antagonismos inerentes sem ativar ao mesmo tempo os limites intransponíveis do próprio sistema. [...] dadas as limitações objetivas de nosso lar planetário e as forças que competem antagonicamente pelos seus recursos, o modo habitual pelo qual o capital subjuga tudo com crueldade tinha de ser, de fato, um modo cada vez mais problemático de deslocar as contradições constantemente geradas em uma escala progressiva (MÉSZÁROS, 2007, p. 19).

Discernir esses eventos, argutamente, pode ajudar ais alunos suplantarem essa dicotomia onde segundo Massey (2007), a globalização alcançou “um estágio novo. Um fenômeno que foi chamado de “compressão do espaço-tempo”, [...] “com uma fragmentação geográfica e da ruptura espacial do tempo”, ocasionando “reações defensivas e reacionárias”; prontamente:

Mas é necessariamente assim: Não podemos repensar nosso sentido de lugar? Não é possível que o sentido do lugar seja progressista? Não fechado e defensivo, mas voltado para fora? Um sentido do lugar que se adapte a essa compressão do tempo-espço? Para começar, há algumas perguntas sobre a compressão do tempo-espço em si. Quem a vivencia e como? Todos nós nos beneficiamos dela e com ela sofremos da mesma maneira? (MASSEY, 2007, p.177-178)

Enriquecendo essas elucubrações, Santos (2001, p.9), disserta sobre a globalização como ‘fábula’, sem interrupção:

A máquina ideológica que sustenta as ações preponderantes da atualidade é feita de peças que se alimentam mutuamente e põem em movimento os elementos essenciais à continuidade do sistema. [...] Fala-se, por exemplo, em aldeia global [...]. A partir desse mito e do encurtamento das distâncias – para aqueles que realmente podem viajar – também se difunde a noção de tempo e espaço contraídos. [...] Um mercado avassalador dito global é apresentado como capaz de homogeneizar o planeta quando, na verdade, as diferenças locais são aprofundadas. Há uma busca de uniformidade, ao serviço dos atores hegemônicos, mas o mundo se torna menos unido, tornando mais distante o sonho de uma cidadania verdadeiramente universal (SANTOS, 2001, p.9).

Impregnados por uma cultura massiva temos dificuldades em perscrutá-la devidamente, como que adormecidos num eterno episódio dos ‘Simpsons’, numa civilização que nos vende uma forma de vida ideal, imaginária, repleta de arquétipos que insistimos em comprar.

Somos uma ‘sociedade de consumidores’ – “em sua fase líquido-moderna, a cultura é feita na medida da liberdade de escolha individual (voluntária ou imposta como obrigação). É destinada a servir às exigências desta liberdade. [...] que a escolha continue a ser inevitável [...]” (BAUMAN, 2010, p. 33).

Por isso, uma maneira de deslindarmos algumas peças desse sistema é analisarmos o que consumimos e quais as suas interpretações e recorrências simbólicas, materiais, geográficas, ambientais [...], numa ‘cultura que é feita de ofertas” (BAUMAN, 2010 , p. 33). Pela ótica de Santos (2006), complementa-se esse juízo, na dianteira:

Na realidade, toda técnica é história embutida. Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua

operação. A técnica é tempo congelado e revela uma história (SANTOS, 2006, p. 48).

Eliade (1991, p. 34) clarifica que “os símbolos, os mitos e os ritos revelam sempre uma situação histórica, situação limite quer dizer: aquela que o homem descobre ao tomar consciência do seu lugar no Universo”.

Mas, ainda por meio de Eliade (1972, p. 34) deduz-se que: “O “Mundo”, portanto, é sempre o mundo que se conhece e no qual se vive; ele difere de um tipo de cultura para outra; existe, por conseguinte, um número considerável de “Mundos”.

Contudo, Santos (1992, p. 95) ao discorrer sobre a expressão ‘universalidade’, pontua: “É isso mesmo o que significa pertencer a uma geração e é essa a grande distinção da universalidade, pois ela reúne homens e mulheres de idades diversas, todos dedicados a viver o seu tempo e a interpretá-lo”.

Destarte, a tomada de consciência do mundo e de estar nele pede um raciocínio apurado que pode ser exortado pela educação, especialmente com os alunos do Ensino Médio – por já possuírem um certo grau de amadurecimento, como aconteceu com as três turmas que participaram desse trabalho interdisciplinar (Geografia e Biologia).

Milton Santos (1992) sonda acerca da capacidade de cruzarmos essa dicopodia:

Tenho a consciência desta oportunidade e da responsabilidade que encerra. Esta é, sobretudo, uma ocasião de crítica e autocrítica. A auto-crítica é – no caminho – a busca de revisão do caminho. A crítica é o próprio caminho, uma visão, sempre a se renovar, do mundo, que espanta as imagens batidas e os conceitos surrados e propõe novas interpretações, novos métodos, novos temas. Nesse sentido, todos estamos sendo chamados a filosofar e a filosofia não é mais um privilégio dos filósofos (SANTOS, 1992, p. 95).

Todavia, arrebatado o sentido das coisas não é o bastante para possíveis mudanças particularizadas. Caracterizar a “globalização como perversidade” já o fazemos cotidianamente, pois “O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. [...] Novas enfermidades

como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal” (SANTOS, 2001, p. 10).

Nessa feição, apura-se claramente o esfacelamento do indivíduo e sua perda de identidade, condicionados pelo capital, convertemo-nos em mercadorias. Simmel (1987), na frente:

Sendo o equivalente a todas as múltiplas coisas de uma e mesma forma, o dinheiro torna-se o mais assustador dos niveladores. Pois expressa todas as diferenças qualitativas das coisas em termos de ‘quanto?’. O dinheiro, com toda a ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores; arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade (SIMMEL, 1987, p.14-16).

Dessa feita, “as transformações estão mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados” (HALL, 2019, p. 9). Entretanto, o mesmo HJall (2019, p. 9), indicando Mercier, diz: “a identidade apenas se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”.

Na ‘modernidade líquida’ – “Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “autoevidentes” - eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, [...]. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como itens no inventário das tarefas individuais” (BAUMAN, 2001, p. 12).

Há, então, uma variante “individualizada e privatizada da modernidade, e o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos.” Agora é a era da “liquefação dos padrões de dependência e interação” (BAUMAN, 2001, p. 12).

Sem embargo, ao invés da “vida fragmentada” com uma “coexistência-ao lado” num movimento “circunstancial”, [...] onde na “generalidade do casos, a circunstância imediata e o interesse ad hoc [...]” que determinam as ações dos indivíduos, somos chamados a uma “coexistência-com” (BAUMAN, 1995, p. 61).

Não podemos perder a noção de que “A vida individual significa que está sempre incrustada em contextos culturais e é somente dentro destes que suas “escolhas livres” fazem sentido” (HALL, 2013, p. 80).

Temos que nos remeter ao ‘nosso lugar’, num resgate ético da vida coletiva, pois “Todos nós nos originamos em vocabulários culturais e sem eles não conseguimos produzir enunciações enquanto sujeitos culturais. Todos nós nos originamos e falamos a partir de “algum lugar”: somos localizados - e neste sentido até os mais “modernos” carregam traços de uma “etnia” (HALL, 2013, p. 83).

Para Santos (1996), nesta tessitura “o mundo aparece como primeira totalidade, empirizada por intermédio das redes”. Como segunda totalidade temos “o território, um país e um Estado - uma formação socioespacial , totalidade resultante de um controle e delimitada por fronteiras”.

A última totalidade é “o lugar, onde fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta, graças a ocorrência, na contiguidade, de fenômenos sociais agregados, baseados num acontecer solidário [...]” (SANTOS, 1996. p. 182).

A singularidade dessa espacialidade está em que “cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (Santos, 1996, p. 273).

Porém, ainda por meio de Santos (1996), “Não existe um espaço global, mas, apenas, espaços da globalização”, posteriormente:

[...] O Mundo, porém, é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares. [...] Num dado momento, o ‘Mundo’ escolhe alguns lugares e rejeita outros e, nesse movimento, modifica o conjunto dos lugares, o espaço como um todo. É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o Mundo depende das virtualidades do Lugar (SANTOS, 1996, p. 271).

Dessa forma, o espaço geográfico materializa esses espaços de globalização, mas, “quem se globaliza mesmo são as pessoas” (SANTOS, 1993, p. 16). No lugar, teoricamente, a cultura ganha uma dimensão simbólica mais forte, identitária, por meio dela e transpondo-a, podemos nos formar como cidadãos.

Logo, demandamos apurar as diversas faces do capitalismo e da globalização ('como fábula', 'como perversidade', 'uma outra globalização' [...]), trazendo estas reflexões para as nossas vidas e nossas opções como sujeitos (SANTOS, 2001).

Harvey (2004), mencionando Foucault e a noção de heterotopia,, coloca o tempo e o espaço como construções sociais e "espaços de esperança", isto é:

[...] por meio de um estudo da história do espaço e de uma compreensão de sua heterogeneidade, identifica espaços nos quais a diferença, a alteridade e o "outro" podem florescer ou ser concretamente construídos. [...] Logo, a heterotopia revela que o processo de ordenação social é justamente processo, em vez de coisa (HARVEY, 2004, p. 241-242).

## DESENVOLVIMENTO

Hall argui que "a interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, [...]" (HALL, 2019, p. 73).

Detalhando melhor o que estabeleceu como "pós moderno global", Hall (2019) dilucida, de imediato:

*Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de "identidades partilhadas" – como "consumidores" para os mesmos bens, "clientes" para os mesmos serviços, "públicos" para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo. À medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 2019, p. 74).*

No panorama do "consumismo global" (HALL, 2019, p. 75) nos vemos em meio a "uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes

de nós) dentre as quais parece possível fazer uma escolha.” Nos tornamos um “supermercado cultural”.

No seu interior, “as diferenças e as distorções culturais, [...] , ficam reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global,, [...]. Esse fenômeno é conhecido como homogeneização cultural” (HALL, 2019, p. 75-76).

Nos argumentos de Baudrillard (2009), agora:

A lógica do consumo - [...] - define-se como manipulação de signos. Encontram-presentes valores simbólicos de criação e a relação simbólica de interioridade; onde funda-se toda a exterioridade. O objeto perde a finalidade objetiva e a respectiva função, tornando-se o termo de uma combinatória muito mais vasta de conjuntos de objetos, em que o seu valor é de relação. Por outro lado, desaparece o seu sentido simbólico e o seu estatuto antropomórfico milenário, tendendo a esgotar-se num discurso de conotações [...] relativas no quadro de um sistema cultural totalitário, isto é, que pode integrar todas as significações [...] (BAUDRILLARD, 2009, p. 120).

Por conseguinte, essa “uniformização cultural” pode ser detectada pelos hábitos de consumo/consumismo dos indivíduos, nesse caso, em três (3) turmas do 2<sup>a</sup> ano do Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Belo Horizonte – MG.

A localização geográfica (origem) do que é consumido pelos alunos, bem como o seu idioma – dentro dos critérios escolhidos para essa investigação (filmes, músicas e jogos) podem nos dar pistas dessa cultura mundializada e do que é mais popular entre esse grupo de alunos. O que essas ‘individualidades’/‘individualizações’ possuem em comum ou não; e quais seriam as explicações mais plausíveis para os quadros apresentados.

Para Ortiz (1999) essa ‘cultura mundializada’ constitui-se em:

“[...] um processo real, transformados do sentido das sociedades contemporâneas. Os objetos que nos circundam – utensílios, máquinas, arquitetura – são manifestações dessa mundialidade. Eles encerram a sua ‘verdade’, exprimindo-a na sua cotidianidade, na sua rotina (ORTIZ, 1999, p. 20).

Desse modo, numa visão generalizada, a expansão do capitalismo global tem interferido drasticamente na “organização social da vida do indivíduo, família, grupo, classe e coletividade [...]”. Além de estar “transformando as condições sociais e técnicas das atividades econômicas; [...] modificando as formas de organização do trabalho em todos os setores” da economia (IANNI, 1997, p. 18).

Transfiguram-se intensamente “as técnicas produtivas, as formas de organização dos espaços produtivos, as condições técnicas, jurídico-políticas e sociais de produção e reprodução das mercadorias, materiais e culturais, reais e imaginária” (IANNI, 1997, p. 18).

Temos ingerências profundas em todas as áreas de nossas vidas, nem sempre elas são perceptíveis pelos indivíduos. Existe uma “finança global estruturada ante um poder político fragmentado. [...], dentro das próprias nações [...] está sendo fraturado por dissensões e facilmente capturado. Tornamo-nos sistematicamente disfuncionais” (DOWBOR, 2020, p. 89).

Sobrevêm ainda o confisco de todos os tipos de bens/recursos materiais “por parte de minorias do esforço coletivo de construção do conhecimento” em benefício próprio (DOWBOR, 2020, p. 90). Ademais, o sistema capitalista fabrica uma “justificativa ideológica da sua razão de ser”, o que Dowbor (2020) explica, ato contínuo:

Será normalmente a combinação de um mecanismo de extração da riqueza social com uma ampla construção ideológica destinada a explicar a exploração em nome de algum tipo de merecimento das classes superiores, justificando uma forma de apropriação do trabalho de terceiros (escravos, servos, assalariados, ou ainda terceirizados, segundo a época e as regiões), e o uso da força policial e militar em nome da ordem e da segurança do povo (DOWBOR, 2020, p. 95).

Mas, o consumo/consumismo deve ser vasculhado não apenas em seus aspectos culturais/simbólicos e econômicos (divisão transnacional de trabalho, flexibilização dos processos de trabalho, laboralidade *versus* empregabilidade, competitividade, redes, desemprego, migrações, trabalho escravo...), igualmente nos ideológicos, geográficos, sociais e ambientais até alcançarmos as predileções pessoais e cotidianas.

Ao investigarmos o consumo nesse modelo de sociedade e suas raízes capitalistas, veremos mais um pouco adiante do que foi anunciado anteriormente, nas palavras de Bauman (1999):

A integração e a divisão, a globalização e a territorialização, são *processos mutuamente complementares*. Mais precisamente, são duas faces do mesmo processo: a redistribuição mundial de soberania, poder e liberdade de agir desencadeada (mas de forma alguma determinada) pelo salto radical na tecnologia da velocidade. A coincidência e entrelaçamento da síntese e da dispersão, da integração e da decomposição são tudo, menos acidentais; e menos ainda passíveis de retificação (BAUMAN, 1999, p. 77).

Esse alinhamento de rumo da sociedade começaria em Pierre Levy (1993), pelo resgate da “abordagem ecológica da cognição”, sem demora:

Como alguns humanos conseguiram, apesar de tudo, desenvolver alguns raciocínios abstratos, podemos sem dúvida explicar este sucesso fazendo apelo a recursos cognitivos exteriores ao sistema nervoso. Levando em conta as tecnologias intelectuais permite compreender como os poderes de abstração e de raciocínio formal desenvolveram-se em nossa espécie. A razão não seria um atributo essencial e imutável da alma humana, mas sim um efeito ecológico, que repousa sobre o uso de tecnologias intelectuais variáveis no espaço e historicamente (LEVY, 1993, p. 93).

O cognoscivo existente por si só não estabelece as interconexões com o “outro”, é indispensável o surgimento de um ser cognoscente e a volta do sentido de ser humano participante da natureza. “Diante da escala da individualização, o tecido social se tornou poroso, a sociedade perde a sua consciência e autoconsciência coletiva, desta forma, a busca pelas respostas políticas às grandes questões perde sentido” (BECK, 1999, p. 25).

O discernimento dá-se pelas experiências de vida, pelo diálogo e pela instrução. Nessa contextualização, nunca a consciência ecológica fez-se tão necessária nas contendas sobre as vertentes que

a sociedade atual deve tomar diante da 'babel' das desigualdades sociais e ambientais onde estamos submersos.

Diante de um mundo globalizado que almeja a sustentabilidade, é necessário ter ciência que o conceito de Natureza é amplo e interdisciplinar. O princípio pode ser fundamentado em uma determinada época, pautado nas interlocuções políticas, científicas, sociais, artísticas e filosóficas de uma dada sociedade. Mas, independentemente da aceção, o fascínio de entender e dominar a Natureza advém da antiguidade grega (CAMARGO & SILVESTRI, 2021).

A relação do homem com a Natureza vem sendo modificada ao longo do tempo (CAMARGO & SILVESTRE, 2021), especialmente no século XX, com o crescimento vigoroso do movimento ecológico ou ambientalista. Segundo Fabio Cascino (1999), as alterações no modo de compreender a Natureza aconteceram ao passo que o homem começou a ver a natureza e abstrair que a sua existência está intimamente ligada à preservação do meio natural.

Em conformidade com Carlos Frederico Loureiro:

Marx explicita sua concepção de natureza como unidade complexa e dinâmica, auto-organizada em seu próprio movimento contraditório, se distanciando das abordagens que a definem como "substrato" e que conduziam a uma compreensão dicotômica (de um lado ser humano, de outra natureza). Todavia, não estabelece esta unidade reduzindo-a ao universo biológico, mas considerando as especificidades de cada elemento e suas relações constitutivas (por isso, afirma que o concreto é a síntese de múltiplas determinações, a unidade do diverso). Assim, pensa o ser humano em sua peculiaridade (atividade transformadora da natureza na história, gerando cultura), na qual a relação "eu mundo" se dá por mediações criadas na vida em sociedade (LOUREIRO, 2006, p. 126).

Então, podemos dizer que não existe a conceituação de Natureza por si só. O conceito de natureza está ligado ao pensar à respeito da natureza, conseqüentemente, transforma-se no transcorrer do tempo e no processo civilizatório, estando associado ao pensar social (DULLEY, 2004).

Captar o sentido da Natureza no pensar do século XX até o presente momento, institui a premência em proteger-se a “Natureza”, ou seja, o meio ambiente natural. Esta ideia ganha mais robustez com os ecologistas e a teoria do sujeito ecológico. O sujeito ecológico é desenvolvido dentro de crenças, valores e comportamentos sociais, focando sempre na proteção ambiental. Assim, como o conceito de Natureza, a ecologia vai além das noções puramente biológicas, perpassa conjuntamente pelo social.

A divisão errônea do homem e meio ambiente fez o homem habitar de forma egoísta e independente, e não coabitar, separando-se de sua cultura primeira, colocando-se em oposição à natureza. A problemática ambiental relacionada à uma degradação desmesurada do planeta, forçou uma mudança na compreensão desse paradigma. A sociedade encetou a percepção de que nunca esteve separada do ambiente, nem somos donos dos recursos ambientais e que todos os seres vivos que habitam o planeta Terra compartilham o mesmo destino. (STELL & CARVALHO, 2014)

Bateson (2000), determina a prosecução existente entre as imagens de natureza-cultura, mente e ambiente, produzindo a definição de ecologia *mind*. Estabelecendo que a validação do conhecimento é fundamental para o expressar do pesquisador em relação ao objeto pesquisado, o mesmo acontece quanto ao papel da mente em relação ao meio ambiente. Apoiado no mesmo estudioso, a propriedade ecológica transpõe a mente para o meio ambiente, introduzindo o pensamento no lugar onde realmente se opera o conhecimento. (BATESON, 2000)

Otávio Velho aborda o pensamento ecológico de Bateson congêneres com o de Tim Ingold:

“A ecologia – e com ela o holismo – é na verdade uma referência-chave desde Bateson. Faz parte da discussão de outra polaridade, entre sujeito e objeto. Com a ajuda da vertente fenomenológica de Merleau-Ponty (e das noções de ser e habitar o mundo), a ecologia de fato parece propícia para um deslocamento do sujeito cartesiano e, com ele, da série de oposições que inclui aquela entre natureza e cultura. Ingold chega a falar em um novo “paradigma ecológico” (VELHO, 2001, p. 135).

Tim Ingold engrandece o debate, nas enunciações de Carvalho & Steil (2012), quando delega “ao engajamento dos sujeitos humanos e não-humanos no mundo, o primado do conhecimento. [...] afirma que o conhecimento depende fundamentalmente da imersão dos sujeitos na tessitura dos fenômenos do mundo. [...] o conhecimento consiste, em primeiro lugar, em habilidades, que são adquiridas na prática [...]”. (CARVALHO & STEIL, 2012, p. 239)

Na ecologia, os sujeitos ecológicos se descortinam como seres portadores da vida e não como seres com direitos e privilégios sobre os demais. Dentro do pensamento ecológico objetiva-se encontrar novas metas para a vinculação natureza e sociedade/cultura. Atinando soluções para os problemas e impasses ambientais dentro da política e mesmo nos conhecimentos ambientais. (DULLEY, 2004)

Na educação ambiental, as imagens conceituais de: natureza, ambiente, meio ambiente, recursos naturais e ambientais, dentre outras, devem estar claras. Havendo distorções, pode-se acarretar desde políticas ambientais ineficazes e inadequadas, até equívocos de percepção individuais e coletivos. Na prática interdisciplinar exteriorizada, verificou-se antecipadamente os fundamentos trazidos pelos alunos, fazendo-se ajustes congruentes no planejamento e metodologia.

Em harmonia com as palavras de Tim Ingold, referido por Carvalho & Steil (2012, p. 240), apercebemos que o domínio do mundo não desenrola-se “dentro de um sacrário mental interior, protegido das múltiplas esferas da vida prática, mas em um mundo real de pessoas, objetos e relacionamentos”.

Os conhecimentos são importantes, mas, “não é absorvendo representações mentais ou elaborando esquemas conceituais que nós aprendemos, mas sim, desenvolvendo uma sintonia fina e uma sensibilização de todo o sistema perceptivo”. Somos uma estrutura integralizada – indivíduo e meio, “Neste processo cognitivo atuam concomitantemente o cérebro, com suas conexões neurais, os órgãos corporais periféricos, com sua contrações musculares e o ambiente com os aspectos específicos que situam o sujeito no mundo.” (CARVALHO & STEIL, 2012, p. 240)

## METODOLOGIA

No trabalho interdisciplinar desenvolvido entre as disciplinas de Geografia e Biologia, sobre o tema Globalização e suas interfaces, intentamos alongar o interesse dos alunos e favorecer o raciocínio geográfico/ecológico através de estudos em grupos (associando-os com conhecimentos preexistentes) e a verificação do consumo dos alunos dentre os tópicos inventariados por eles. Um de seus fins reside no depuramento da “sensibilização” perceptiva disposta por Ingold e avistada nos parâmetros da Educação Ambiental (EA).

Os delineamentos realizados foram estes:

- Apresentação da ideia de trabalho interdisciplinar para as três (3) turmas do 2º ano do Ensino Médio Integrado do CEFET-MG, Belo Horizonte – MG;
- Planejamento conjunto das atividades; preparação de material complementar sobre Globalização e suas interfaces;
- Critérios a serem adotados no trabalho, pesquisas prévias dos alunos, datas, definição dos grupos, postagens no sistema acadêmico, mural com os mapas das origens dos itens georreferenciados pelos grupos por sala, debates, avaliação;
- Avaliação diagnóstica para o levantamento das conceituações geográficas/ambientais necessárias ao aprofundamento do projeto;
- Adequações do planejamento em função dos resultados da avaliação diagnóstica;
- Apresentação de uma música e seu vídeo ligados à temática da Globalização (Exemplos: Globalização – Berimbrown; Globalização – Guilherme Durans; Globalização – Tribo de Jah; Parabólicacamará de Golberto Gil) , projetando-a na sala com o exame de sua letra.; variando de turma para turma;
- Apresentação do vídeo *Surplus*, disponibilizado-se o seu link para os alunos o assistirem em casa (com pelo menos uma semana de antecedência); análise posterior do mesmo em sala de aula;

- Discussões iniciais sobre o que é Globalização e suas intercorrências em todos os setores de nossas vidas (econômicas, sociais, geográficas, ambientais, políticas, culturais...) e no planeta Terra;
- Distinção de termos considerados essenciais para os estudos (variaram em função das pesquisas antecipadas e saberes precedentes dos alunos): capitalismo, cultura, identidade, homogeneização cultural, equidade, diferença, consumo, consumismo, 'coisificação' do indivíduo/espço/natureza, espacialidades, territorialidades, natureza, meio ambiente, recursos naturais e ambientais, sustentabilidade, sujeito ecológico [...];
- Identificação dos produtos consumidos pelos alunos e levantados pelos grupos – filmes, músicas e jogos ('games');
- Explicação passo a passo, em uma aula, de como os alunos poderiam utilizar o aplicativo *Google Earth* nas atividades; colocação de um tutorial básico sobre o aplicativo *Google Earth* no sistema acadêmico;
- Preenchimento das tabelas (Figs 1, 2 e 3) e elaboração dos mapas com os itens georreferenciados (Figs 4 e 5), de acordo com cada tipo (com o aplicativo *Google Earth*) em grupos e a inserção dos mesmos no sistema acadêmico, correções feitas pelos professores;

**Figura 1** - Exemplo de tabela preenchida apresentada abaixo

Músicas -

PRODUTO CULTURAL	TIPO/GÊNERO	IDIOMA	EMPRESA/LOCALIZAÇÃO
01-Classic	POP	Inglês	MKTO/Estados Unidos
02-Amiga Da Minha Mulher	POP	Português	Seu Jorge/Brasil
03-Sorri, sou rei	Reggae	Português	Natiruts/Brasil
04-Happy	POP	Inglês	Pharrell Williams/Estados Unidos
05-Hello, Goodbye	Rock/Blues	Inglês	Beatles/Inglaterra
06-Por Onde Andei	POP	Português	Nando Reis/Brasil
07-We Are The Champions	Rock	Inglês	Queen/Reino Unido
08-Humble	Hip-Hop	Inglês	Kendrick Lamar/Estados Unidos
09-You Right	POP	Inglês	Doja Cat e The weekend/Estados Unidos
10-Deixa Acontecer	Pagode	Português	Grupo Revelação/Brasil

Fonte: Material dos autores.

**Figura 2** - Exemplo de tabela preenchida apresentada abaixo

Jogos -

PRODUTO CULTURAL	TIPO/GÊNERO	IDIOMA	EMPRESA/LOCALIZAÇÃO
Fortnite	Battle royale	Inglês	Epic games/ Estados Unidos
Counter strike	Fps	Inglês	Valve / Estados Unidos
Minecraft	Exploração, mundo aberto	Inglês	Mojang /Suécia
Roblox	MMORPG e MMOSG	Inglês	Roblox Corporation/ Canadá
Valorant	Fps	Inglês	Riot games / Estados Unidos
Genshin Impact	RPG de ação	Chines	Mihoyo / China
League of Legends	MOBA	Inglês	Riot games / Estados Unidos
Paladins	Fps	Inglês	Hi-Rez / Estados Unidos
Elden ring	RPG de ação	Japonês	From software / Japão
Human: fall flat	Quebra-cabeça	Inglês	No Brakes Games/ Estados Unidos

**Fonte:** Material dos autores.

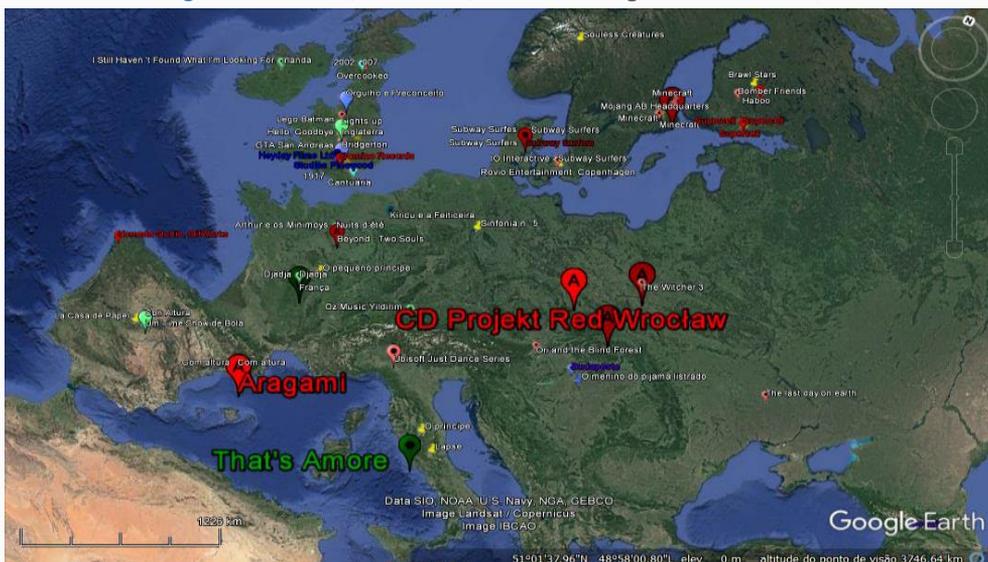
**Figura 3** - Exemplo de tabela preenchida apresentada abaixo

Filmes -

PRODUTO CULTURAL	TIPO/GÊNERO	IDIOMA	EMPRESA/LOCALIZAÇÃO
01- Harry Potter	Ficção	Inglês	Warner Bros /Inglaterra
02- Tropa de elite	Drama/Filme policial	Português	Zazen Produções/Brasil
03- Cidade de Deus	Drama	Português	Globo Filmes/Brasil
04- Clube da luta	Ação/Suspense	Inglês	20th Century Studios/ EUA
05- Toy Story	Animação/Infantil	Inglês	Pixar/ EUA
06- Minha mãe é uma peça	Comédia	Português	Paris Filmes/Brasil
07- Karate kid	Drama/Luta	Inglês	Columbia pictures/ EUA
08- Velozes e Furiosos	Ação/Crime	Inglês	Universal Studios/ EUA
09- Jumanji	Comédia/Aventura	Inglês	Columbia Pictures/ EUA
10- Homens de preto	Ficção/Ação	Inglês	Columbia Pictures/ EUA

**Fonte:** Material dos autores.

**Figura 4** - Exemplo de mapa com itens georreferenciados



**Fonte:** Material dos autores.



Deduziram a massificação cultural em que estamos absorvidos pelos resultados dos grupos e de cada turma, coletivamente. Constataram que essa homogeneização cultural é muito forte e provém, majoritariamente, dos países mais ricos e com alta tecnologia para os países mais pobres e com uma imensa desigualdade sócio-econômica.

Vincularam o modelo de sociedade capitalista com as mazelas da contemporaneidade, em todos os níveis, que assolam negativamente as vidas da maior parte da população mundial, e destróem o planeta num ritmo assustador. Ligaram a destruição da natureza e o domínio das riquezas minerais/naturais pelos países ricos com o consumismo global e o consumo particularizado.

Reconheceram a mercantilização do homem, do espaço e da natureza, não obstante, a maioria dos alunos apresentou dificuldades em abrir mão de parte desse conforto civilizatório, embora tenham consciência de que devem fazê-lo, terem um consumo consciente.

Esse momento de um possível salto qualitativo da consciência – é o grande ‘nó górdio’ da educação ambiental na atualidade. Nos sentimos como se estivéssemos perpetuando o eterno trabalho de Sísifo.

Essa inadequação ‘oculta’ e o incômodo aparente do ser humano/aluno num mundo caótico está dizendo, em nossa opinião, que processualmente, futuramente, essa consciência irá emergir inevitavelmente, como numa metamorfose. A educação é sempre uma espera do porvir, mas, as sementes já foram lançadas no solo fértil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mészáros preconiza a demanda urgente por uma compatibilização do tempo histórico que permitiria “a adoção das *potencialidades positivas* objetivamente factíveis da humanidade pelos indivíduos sociais como princípios orientadores e valores de sua própria atividade vital, em oposição aos *contravalores* do capital [...] determinisra” (MÉSZÁROS, 2007, p. 21).

Ao pesquisarem os dados à partir de suas preferências os alunos ficaram mais motivados e perceberam as correspondências e

os contrastes entre colegas e grupos, separaram as concepções de consumo e consumismo e as subordinaram com a 'homogeneização cultural' global. Versaram sobre os mapas construídos pelos grupos e o geral de cada turma, testemunhando que os países ricos são os grandes disseminadores dessa cultura planetária - entre eles e para os países periféricos do sistema.

O raciocínio geográfico/ecológico aflorado nas atividades e debates trouxe um sinal animador, com a significação de que o sujeito ecológico está em curso em cada aluno, a educação é parte central nesse desenvolvimento e vai concorrendo com essa fazedura particular para uma autodefinição como pessoa e sua derivada autoconsciência.

Parte dos alunos que possuem uma consciência ambiental mais introjetada, refletiram sobre a continuação desse processo pessoal e a expectativa futura de mudanças reais na sociedade. Os demais, repensaram suas colocações, vendo-as como possibilidades a serem transformadas passo a passo, no tempo de cada um.

Não fazemos uma Geografia/Biologia do 'superficial' e nem 'panfletária', mas acreditamos - parafraseando Harvey (2004), que a sala de aula pode ser um lugar cogitativo e um 'espaço de esperança', na iminente "certeza da emancipação [...], diante das imensas forças desencadeadas sob o capitalismo do livre mercado" por parte de nossos alunos (HARVEY, 2004 , p. 39).

## REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade de Consumo**. Lisboa: Edições 70 Ltda, 2009.

BATESON, Gregory. Steps to an ecology of mind. Chicago and London: **The University of Chicago Press**. 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **A Vida Fragmentada. Ensaios sobre a Moral Pós-Moderna**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1995.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo parasitário: E outros temas contemporâneos**. Rio de Janeiro - RJ: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1999.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. 1ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

BECK, Ulrich, **O que é Globalização? Equívocos do globalismo: respostas à globalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BENKO, Georges, PECQUEUR, Bernard. Os recursos de territórios e os territórios de recursos. **Geosul**, Florianópolis, n. 16, v. 32, p. 31-50, 2001.

CAMARGO, Diogenes Rafael de & SILVESTRI, Kátia V. Tarantini. As diferentes concepções de natureza na sociedade ocidental: da physis ao desenvolvimento sustentável. **Filosofia e História da Biologia**, v. 16, n. 1, p.59-85, 2021.

CARVALHO, Isabel C. Moura; STEIL, Carlos Alberto. O Pensamento Ecológico de Tim Ingold. **Anuario de Antropología Social y Cultural em Uruguay**, v. 10, 2012.

CASCINO, Fabio. **Educação Ambiental**. São Paulo: Editora SENAC SP, 1999.

DOWBOR, Ladislau. **O Capitalismo se desloca: novas arquiteturas sociais**. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2020.

DULLEY, Richard Domingues. Noção de Natureza, Ambiente, Meio Ambiente, Recursos Ambientais e Recursos Naturais. **Agric. São Paulo**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 15-26, jul./dez. 2004.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o Simbolismo Mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva S. A., 1972.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro – RJ: Editora Lamparina, 2019.

\_\_\_\_\_. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte – MG: Editora da UFMG, 2013.

HARVEY, David. **Espaços de esperança.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

IANNI, Octavio. **A Era do Globalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LEVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática.** Rio de Janeiro: Edições 34, 1993.

LOUREIRO, Carlos Frederico. Karl Marx: história, crítica e transformação social na unidade dialética da natureza. Pp. 125 -137. *In* : CARVALHO, Isabel Cristina M.; GRÜN,

Mauro; TRAJBER, Rachel. (org.s) **Pensar o ambiente: bases filosóficas para a educação ambiental.** (Coleção Educação para Todos; v. 26). Brasília: MEC/UNESCO, 2006.

MASSEY, Doren. Imaginando a globalização: geometrias de poder de tempo-espaço. **Revista Discente Expressões Geográficas.** Florianópolis-SC, 3(5), 142-155, 2007. Disponível em: [https://www.academia.edu/867935/Imaginando\\_a\\_Globaliza%C3%A7%C3%A3o\\_geometria\\_s\\_de\\_poder\\_de\\_tempo\\_esp%C3%A7o](https://www.academia.edu/867935/Imaginando_a_Globaliza%C3%A7%C3%A3o_geometria_s_de_poder_de_tempo_esp%C3%A7o) Acesso em: 22 de maio de 2022.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico.** São Paulo: Boitempo, 2007.

ORTIZ, Renato. **Um Outro Território: ensaios sobre a Mundialização.** São Paulo: Olho d'Água, 1999.

SANTOS, Milton. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. *In*: **O novo mapa do mundo: fim do século e globalização.** São Paulo: HUCITEC/ ANPUR, 2002.

\_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. ed. 2. reimpr. -São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. 1992 a redescoberta da natureza. **Revista Estudos Avançados**, Universidade de São Paulo, v. 6, n. 14, jan./abril, 1992.

\_\_\_\_\_. ARROYO, Mônica. Globalização, Regionalização – a proposta do Mercosul. In: **Indústria e Globalização da Economia**. Brasília-DF, SESI-DN. (Caderno Técnico 24) P. 57-64, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra Globalização (do pensamento único à consciência Universal)**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito. **MANA 20(1)**: 163-183, 2014.

SIMMEL, Georg. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio G (org.). **O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987.

**SURPLUS - Aterrorizado para consumir (documentário)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=prkcD-zrPw0> Acesso em 2/05/2022.

VELHO, Otávio. "De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico". **Mana. Estudos de Antropologia Social**, 7(2):133-140. 2001.